

O POLÍTICO, A POLÍTICA E OS EFEITOS DE VERDADE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO TERMO *FAKE NEWS* NA CAMPANHA DOS CANDIDATOS IVO SARTORI E EDUARDO LEITE AO GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

THE POLITICIAN, POLITICS AND THE EFFECTS OF TRUTH: A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE TERM FAKE NEWS IN THE CAMPAIGN OF CANDIDATES IVO SARTORI AND EDUARDO LEITE FOR THE GOVERNMENT OF THE STATE OF RIO GRANDE DO SUL

Rosely Diniz da Silva Machado¹
Ariadne Siqueira de Medeiros²

RESUMO: Este artigo objetiva analisar o funcionamento discursivo do termo *fake news* utilizado na campanha política dos candidatos Ivo Sartori e Eduardo Leite ao governo do Estado do Rio Grande do Sul, em 2018. Direcionou-se um olhar analítico para o modo como se manifestaram as formações discursivas, ideológicas e imaginárias sobre o que se espera de um político em relação à prática política, à noção de lei e de verdade, elegendo como teoria principal a Análise do Discurso de Michel Pêcheux, acionando, também, alguns aspectos da filosofia de Aristóteles e de Foucault. Como procedimento metodológico, foram separados os discursos dos referidos candidatos em seis sequências discursivas, coletadas de publicações impressas e on-line, entre os dias cinco de julho e 28 de outubro de 2018. Através das análises, concluiu-se que ambos os políticos estão identificados com uma Formação Discursiva Conservadora, pois em seus discursos ressoam saberes referentes a como se comporta um bom político e sobre a forma como os efeitos de verdade operam nesses discursos políticos, enquanto uma estratégia de persuasão.

Palavras-chave: Discurso político; fake news; verdade.

ABSTRACT: This article aims to analyze the discursive functioning of the term fake news used in the political campaign of candidates Ivo Sartori and Eduardo Leite for the government of the State of Rio Grande do Sul, in 2018. An analytical view was directed at the way in which the discursive, ideological and imaginary formations about what is expected of a politician in relation to political practice, the notion of law and truth, electing Michel Pêcheux's Discourse Analysis as the main theory, also triggering some aspects of Aristotle's and Foucault's philosophy. As a methodological procedure, the speeches of the candidates were separated into six discursive sequences, collected from print and online publications, between July 5th and October 28th, 2018. Through the analyses, it was concluded that both politicians are identified

¹ Doutora em Teorias do Texto e do Discurso, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professora do Instituto de Letras e Artes e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Membro do Laboratório de Estudos em Análise de Discurso (LEAD)

² Mestra em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

with a conservative discursive formation, as their discourses resonate with knowledge regarding how a good politician behaves and how the effects of truth operate in these political discourses, as a persuasion strategy.

Keywords: Political discourse; fake news; truth.

1 Considerações iniciais

A polarização de pensamentos sempre esteve presente em nossas vidas: as ideias antagônicas de certo e errado, verdade ou mentira, direita e esquerda, termos que delimitam nossas escolhas e nossos caminhos, com sentidos não tão claros ou evidentes, tampouco transparentes. É isso que a Análise do Discurso de linha francesa (AD) defende: não há unicidade de sentidos nas palavras, não somos simples decodificadores de um código comum, somos atravessados pela ideologia, cujo funcionamento nos interpela enquanto sujeitos a acreditarmos nessa (pre)tenso obvedade dos sentidos.

Desse modo, as *fake news* encontraram o palco ideal para seu aparecimento e consolidação em meio às notícias jornalísticas. Elas misturam, nas reportagens, distorções, mentiras, omissões, trazem fatos que não são reais, relacionam discursos a pessoas que nunca os disseram, atuam como potenciais armas de manipulação para aqueles que acreditam nelas. Contudo, nenhum discurso, “palavra, expressões, proposições” tem um sentido preestabelecido. Os sentidos “mudam segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1995, p. 160). Segundo Pêcheux (1997), todos os discursos são respostas a outros discursos, manifestando-se direta ou indiretamente. As *fake news* são, em geral, respostas diretas a outros discursos, uma vez que são elaboradas para alterarem os efeitos de sentidos de determinados acontecimentos. Principalmente no meio político, independentemente da situação, a simples menção do termo *fake news* já causa bastante desconforto por parte dos sujeitos envolvidos ou dos que foram enganados pelo conteúdo.

Sobre o meio político, por exemplo, uma das principais características exigidas para os políticos é a honradez. O bom político, na visão de Aristóteles, precisa ter virtude, ser honrado, ser dotado de boas intenções para servir como exemplo para a sociedade. A associação do nome de um político com a disseminação de *fake news*, certamente, macula essa imagem, supostamente ilibada e fundamental de ser passada para seus eleitores. Também, de acordo com Foucault, a política é regida por três pilares: poder, direito e verdade; o da verdade e o do poder são codependentes para o autor, uma vez que, segundo Foucault (1979), o poder só pode ser exercido através da verdade.

Na trama desses discursos políticos, buscou-se compreender o funcionamento discursivo do termo *fake news*, produzido pelos candidatos Eduardo Leite e Ivo Sartori, durante a campanha eleitoral para o cargo de governador do estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2018, realizada entre os dias cinco de julho e 28 de outubro. Através do aporte teórico da Análise de Discurso de linha francesa, tematizou-se o funcionamento dos efeitos de sentido presentes na materialidade do *corpus* coletado, quando se mobilizam discursivamente processos de identificação com saberes cristalizados para sustentar um posicionamento político, elegendo a dicotomia falso/verdadeiro para referir o termo *fake news*.

Assim, foi delimitado o recorte de algumas sequências discursivas que permitirão:

analisar o uso do termo *fake news* nos discursos proferidos pelos candidatos dentro dos meses de período eleitoral, a fim de verificar quais efeitos de sentido são mobilizados para se referirem ao tema; examinar a paridade e disparidade sobre o termo *fake news* a partir da posição-sujeito ocupada por cada um dos sujeitos da pesquisa dentro de seus discursos; mobilizar a noção de Real da língua, a partir de Pêcheux (1997), na qual sempre há possibilidade de se dizer o mesmo, com outras palavras, para examinar os efeitos de sentido das escolhas discursivas dos candidatos; e identificar quais Formações Discursivas serão mobilizadas pelos sujeitos da pesquisa ao produzirem seus discursos tematizando o termo *fake news*.

A fim de situar processos discursivos anteriores de que resultam determinados saberes que giram em torno do sistema político e dos políticos, serão destacados aspectos filosóficos em Aristóteles e Foucault. Será realizada, ainda, breve abordagem sobre a história dos partidos que lideraram a disputa pelo governo do Rio Grande do Sul, contemplando o que se aponta como a origem dos partidos MDB e PSDB, procedentes de uma mesma vertente ideológica.

2 A política, o político e a verdade: saberes que ressoam

Para a Análise de Discurso, é possível retomarmos e ressignificarmos, ainda que de forma inconsciente, os discursos e estruturas que já foram elaborados em algum momento anterior, o que permite antecipações de determinadas situações e o que se espera delas. De acordo com Pêcheux (1995, p. 46), “é a *ideologia* que, através do hábito e do uso, está designando ao mesmo tempo o que é e o que deve ser”. Dessa forma, através da ideologia, criamos representações imaginárias, as quais são um efeito social, que podem antecipar como funcionam determinados lugares ou como devem se comportar determinados sujeitos ou grupos – como alunos, professores, políticos, por exemplo, e isso acontece em razão do “reconhecimento do imaginário” (MACHADO, 2016, p. 119).

A visão de Aristóteles, neste artigo, por exemplo, contribui para retomada dos conceitos que ajudaram na construção desse imaginário social sobre o que é esperado de um político, portanto, aquilo que os políticos devem demonstrar, discursivamente, que são. O pensamento aristotélico sobre ética, honra e virtude são características essenciais para um bom governante. Para esse filósofo, além de ser bom, é preciso *demonstrar* essa habilidade; e este é um dos tópicos que são frequentemente observados no discurso dos políticos, os quais buscam expor suas habilidades para demonstrar capacidade para ocupar determinada posição de poder.

Aristóteles (1991) diz que o objetivo da vida política é o melhor dos fins, ou seja, desenvolver os cidadãos para que sejam bons e capazes de ações nobres. Como um animal político social, os homens precisam viver em sociedade para viver bem de forma colaborativa. De acordo com Vergnières (1998, p. 149) “a cidade é, por seu gênero, comunidade natural; nela se exprime, como em toda comunidade natural, o impulso que empurra os homens uns em direção aos outros e que caracteriza sua sociabilidade natural” Para viver bem em sociedade, entretanto, os homens precisam seguir “regras” de bem viver, sendo estas determinadas pelo Estado, uma vez que este é o responsável maior pela vida em sociedade, é o Estado que tem o melhor bem. De acordo com Aristóteles:

[...] os legisladores tornam bons os cidadãos por meio de hábitos que lhes inculcem. Esse é o propósito de todo legislador, e quem não logra tal desiderato falha no desempenho da sua missão. Nisso, precisamente, reside a diferença entre as boas e as más constituições (ARISTÓTELES,

1991, II, p. 1).

Dito isto, dois tipos de virtudes são apontados por este filósofo como essenciais para a vida em sociedade. A primeira é a intelectual, que é expandida e melhorada através do ensino, portanto ela é ensinada, precisando de tempo e experiências para desenvolver-se. Aristóteles, inclusive, ressalta que as experiências, por vezes, não são relacionadas à idade, uma vez que, sendo expostos a variadas situações, pode-se adquirir conhecimentos que pessoas de mais idade não têm quando não o são. A segunda modalidade de virtude é adquirida por hábito, trata-se da moral. Essa moral não é conquistada através de atribuição genética nos seres humanos, “somos adaptados por natureza a recebê-las (virtudes) e nos tornamos perfeitos pelo hábito” (ARISTÓTELES, 1991, II, p. 1).

A política é colocada como pivô nesta relação, uma vez que é o Estado que se preocupa com a moral coletiva, estipulando quais normas devem ser seguidas para que prevaleça o bem coletivo. Depois da doutrina exposta, em forma de lei, os cidadãos têm como objetivo, para serem morais e éticos, subjugarem-se às mesmas, para que se mantenha o bem viver social. Uma vez que o Estado é quem tem o melhor dos fins e é quem tem como objetivo guiar os cidadãos a adquirirem o sumo bem, o político precisa dedicar o melhor de seus esforços para que os cidadãos sejam bons e capazes de coisas boas. De acordo com Aristóteles (1991, I, p. 10), “o homem verdadeiramente político também goza a reputação de haver estudado a virtude acima de todas as coisas, posto que ele deseja fazer com que os seus concidadãos sejam bons e obedientes às leis”, o político, portanto, deve saber e ter conhecimento reconhecido do que exige de seus cidadãos.

Outro autor que se preocupou em estudar o sistema político e de poder foi Foucault. Para ele, a política é regida por três pilares: poder, direito e verdade. O da verdade e o do poder são codependentes para o autor, uma vez que, segundo Foucault (1979), o poder só pode ser exercido através da verdade. O conceito de verdade é ligado ao discurso político, pois, conforme vimos em Aristóteles, o homem político goza de boa reputação (ARISTÓTELES, I, 1991), e verdade e honestidade são adjetivos que dizem respeito a boas intenções. Uma vez que um político não só obedece às leis, mas também as cria, ele deve ter seus princípios alinhados à ética e à moral, conforme diz Aristóteles.

A arte de governar não é transparente, existe uma pluralidade de governos e todos eles se misturam na sociedade, sendo necessário decidir qual se aplica melhor ao todo. Foucault diz que existem três tipos de governo, sendo:

O governo de si mesmo, que diz respeito à moral; a arte de governar adequadamente uma família, que diz respeito à economia; a ciência de bem governar o Estado, que diz respeito à política. (Foucault, 1979, p. 281).

O autor defende que os “pais de família” sabem gerir suas famílias economicamente quando um Estado é bem governado, portanto, esse grupo se comportará como deve. Um governante deve gerir o Estado da mesma forma que administraria sua família: atendendo suas demandas, suprimindo suas necessidades e com igualdade de oportunidades para todos os seus membros.

Essa perspectiva de Foucault, de algum modo, pode ser observada nos discursos de candidatos durante as eleições. Nos discursos proferidos dentro da disputa pelo governo do estado do Rio Grande do Sul, é perceptível a contestação da capacidade entre os dois candidatos em foco, Leite e Sartori, pois, através de recursos variados, buscam descredibilizar os

discursos do oponente, seja através da defesa da sua proposta de governo ou do ataque ao projeto do outro.

3 MDB e PSDB: duas vertentes da mesma raiz

Com o propósito de analisar os discursos dos referidos candidatos que concorreram ao pleito para governo do estado do Rio Grande do Sul, em 2018, resgatou-se parte da história dos partidos e da trajetória dos referidos candidatos ao governo do Rio Grande do Sul.

O Movimento Democrático Brasileiro (MDB) foi formado, então, por políticos que discordavam do regime militar, em 1966. Mesmo sendo minoria, o partido foi adquirindo espaço no Congresso Nacional e Assembleias Regionais e apoiou medidas importantes, que contribuíram para o fim do período ditatorial, como as Diretas Já e a Lei da Anistia.

O representante do MDB, na eleição em foco, José Ivo Sartori, candidato de 73 anos, filiado ao MDB, tem longa carreira política, iniciada em 1972, no movimento estudantil, e seu primeiro cargo público foi como vereador da cidade de Caxias, em 1976. Depois disso, Sartori exerceu cinco mandatos como deputado estadual, um como deputado federal, foi duas vezes prefeito de Caxias e eleito governador do estado do Rio Grande do Sul, em 2014. Tentou a reeleição para o cargo em 2018, mas não se reelegeu.

Fundado em 1988, o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) é um dos mais jovens partidos brasileiros e foi criado por dissidentes do PMDB, em razão das clivagens internas existentes dentro do segundo. Por ser muito abrangente, o PSDB foi, com dificuldade, enquadrado dentro do quadro dos partidos que se encontram no centro do espectro ideológico, bem como o MDB. Mesmo que muitos teóricos só considerem as oposições binárias esquerda e direita, vários partidos brasileiros dizem se enquadrar no centro desta disputa, autodenominando-se “moderados” ou “liberais”.

Seu representante, Eduardo Leite, com 36 anos, filiado ao PSDB, tem uma trajetória na política mais sucinta do que a de Sartori. Leite também ingressou na política como vereador, em 2008, depois disso, foi prefeito do município, em 2012. Em 2016, após o fim do mandato, Leite fez cursos de aperfeiçoamento em gestão pública e, em 2018, concorreu à eleição para o governo do Estado e venceu a eleição no segundo turno. Ele é o governador mais jovem eleito no país.

Considerando esse contexto histórico, cabe lembrar, segundo Althusser (2008), o funcionamento da ideologia, bem como do Aparelho Ideológico de Estado, que atuam em prol da manutenção dos interesses das classes dominantes, portanto, os partidos que assumidamente se dizem de esquerda, com ideias que vão ao encontro dos trabalhadores e das classes operárias, se eleitos, transformariam a ordem da estrutura, os outros, entretanto, só a perpetuaria.

Os partidos de centro, portanto, ao defenderem ideais conhecidamente direitistas, só estariam, estrategicamente, “escondendo” suas posições dentro da dualidade. Dentro do Rio Grande do Sul, esta dualidade não pode ser analisada de forma extrema na última eleição, uma vez que a disputa não ocorreu entre dois partidos antagonísticos, como os de direita e esquerda e, sim, entre dois partidos que defendem os mesmos projetos. De acordo com Mendes e Graça (2020, p. 117), “a política externa proposta pelo PSDB é majoritariamente de centro-direita; e a política externa do MDB segue as características esperadas de qualquer política de um partido de centro inerente a um sistema multipartidário cêntrico”. Velho e novo, MDB e PSDB

defendem, essencialmente, propostas semelhantes, com atualizações que só são permitidas em razão da época em que surgiram. Sartori e Leite, o tradicional e o novo, que mesmo com as diferenças ideológicas fundamentadas nas experiências vividas, ainda são representantes de partidos que têm uma política de centro-direita.

4 Linguagem e sua não-transparência: a análise de discurso

Na obra *Análise Automática do Discurso*, Pêcheux (1997) diz que todo discurso é realizado através de condições de produção dadas e usa como exemplo um deputado que poderia estar dentro do governo da oposição ou da situação: o mesmo discurso poderia ter sentidos totalmente diferentes, dependendo do lado em que o político se encontrasse, porque ele está dentro das relações de força existentes no campo político e também o discurso está inserido nas relações de sentido existentes, pois sempre estará relacionado a outros, direta ou indiretamente.

Quanto às relações de sentido nas quais o discurso é produzido, pode-se dizer que os discursos não têm início, de acordo com Pêcheux (1997, p. 77), ele sempre é uma resposta a outro discurso “prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima”. Dessa forma, se o objetivo for trazer à luz tópicos que já foram abordados previamente, os sujeitos utilizam termos que remetam a eles em suas falas, “ressuscitando no espírito do ouvinte o discurso no qual esse acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e na qual pode tirar partido” (PÊCHEUX, 1997, p. 77, grifos no original).

Pêcheux, em seus estudos, diferencia base linguística de processo discursivo, sendo que, para ele, “todo o sistema linguístico, enquanto conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas é dotado de autonomia relativa submetidas a leis internas” (PÊCHEUX, 1995, p. 91). Já o processo discursivo é “desenvolvido sobre a base dessas leis” (PÊCHEUX, 1995, p. 91). De acordo com o autor:

[...] a indiferença da língua em relação à luta de classes caracteriza a autonomia relativa do sistema linguístico e que, dissimetricamente, o fato de que as pessoas não sejam indiferentes à língua se traduz pelo fato de que todo processo discursivo se inscreve numa luta de classes (PÊCHEUX, 1995, p. 92).

De acordo com Pêcheux (1997), um discurso não pode ser observado da mesma forma que um texto, olhando somente para seus aspectos estruturais. Para ele (1997, p. 79), “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesmo”, uma vez que ele deve ser analisado dentro de suas condições de produção, externas ao sistema de análise gramatical. Essa perspectiva teórica, portanto, engloba três diferentes áreas do conhecimento, que, por sua vez, são atravessadas por uma teoria psicanalítica, segundo Pêcheux (1997, p. 163):

1. O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias.
2. A Linguística como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo.
3. A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Pêcheux baseia-se em Althusser (2008) para desenvolver os aspectos ideológicos que

fazem parte da teoria. Para Pêcheux, existem “contradições ideológicas” dentro da “unidade da língua” e essas contradições são “constituídas pelas relações contraditórias que mantêm, necessariamente, os processos discursivos, na medida que se inscrevem nas relações ideológicas de classe” (PÊCHEUX, 1995, p. 93). Para Althusser (2008), autor cuja obra foi basilar para o desenvolvimento da AD, o processo de interpelação ideológica tem sua manutenção realizada por Aparelhos de Estado, os quais visam a garantir a manutenção da prevalência da classe dominante no poder.

Os sujeitos, então, são levados inconscientemente a ocupar seus lugares na luta de classes. Os Aparelhos Ideológicos (AIE) e Aparelho Repressivo de Estado (ARE) atuam para que não haja desvios da lógica capitalista do sistema dessa ideologia; os primeiros, dentro da teoria de Althusser, aparecem na forma da família, da religião, da escola, de instituições que atuam de forma ideológica e não repressiva, ou seja, através da violência, para manutenção da ideologia dominante. O segundo aparelho, portanto, representado pelo Estado, compreendido como polícia, exército, judiciário, prisões, instituições que funcionem através da violência física ou não, para cumprimento da ordem. É importante ressaltar que nem sempre os Aparelhos Ideológicos funcionam apenas pela ideologia, podendo fazer uso de violência, assim como o Aparelho Repressivo pode atuar através da ideologia.

O sujeito, na teoria, de acordo com Orlandi (2005, p. 20), “é descentrado pois é afetado simultaneamente pelo real da língua e pelo real da história, não tendo controle como elas o afetam”. Dessa forma, ideologia e inconsciente afetam o funcionamento dos discursos dos sujeitos e são os pilares - linguagem, ideologia e inconsciente - que representam os três círculos que se interconectam no nó borromeano³, proposto por Ferreira (2010). Esse sentimento de falta, porém, segundo Ferreira (2010), é essencial para o sujeito. Enfim, uma vez que o sujeito é incompleto, que os discursos são opacos, existe a possibilidade de os sentidos deslizarem, mudarem.

Pêcheux (1995, p. 169) diz que a produção de sentido, para ele, é diretamente ligada à paráfrase, uma vez que existe uma “matriz de palavras” que é utilizada e outras que são ressignificadas através do efeito metafórico da língua. De acordo com Pêcheux (1995, p. 169), a paráfrase “constitui um vestígio do processo de produção do discurso, isto é, da “estrutura profunda” comum. Nosso empreendimento consiste, pois, em remontar desses “efeitos de superfície” da estrutura invisível que os determina”. Isso acontece, porque não produzimos sequências originais. Nada do que dizemos é inédito, tudo já foi dito e é ressignificado no interdiscurso - que é o local onde todos os dizeres já ditos são “armazenados”, de acordo com a AD. Interpelados em seus papéis na luta de classes, cada sujeito aciona, no interdiscurso, determinados saberes para manifestação dos dizeres no nível intradiscursivo, lugar onde se manifesta o “fio do discurso” do sujeito.

O intradiscurso é, também, imbricado ao conceito de formação discursiva, que traz tudo que “pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2005, p. 132) pelos sujeitos. Esse conceito é um refinamento baseado nas Formações Ideológicas, que, por sua vez, dizem respeito ao local ocupado pelos sujeitos na luta de classes. De acordo com Orlandi (2005), elas são caracterizadas

³ Lacan introduziu esse termo em *Psicanálise* em 1972, com o propósito de designar, através de uma imagem pictórica, o entrelaçamento dos três registros: o do real, o do imaginário e o do simbólico. Ferreira (2005, p.71), numa abordagem discursiva, apresenta esse entrelace constituído pela ideologia, linguagem e psicanálise e, no entremeio dos anéis, encontra-se o sujeito, que é afetado pelos três pilares simultaneamente, deixando em cada um deles um furo. Essa é razão de o sujeito ser representado na teoria como um ser “em-falta”, pois se encontra incompleto e essa incompletude, conforme aponta a autora, contamina os conceitos que compõem o quadro da teoria de Análise do Discurso.

por marcas que são visíveis na superfície do discurso:

A formação discursiva é caracterizada pelas marcas estilísticas e tipológicas que se constituem na relação da linguagem com as condições de produção. De outro lado, podemos dizer que o que define a formação discursiva é sua relação com a formação ideológica. Assim, podemos perceber como se faz a relação das marcas formais com o ideológico (ORLANDI, 2011, p. 132).

As formações discursivas, de acordo com Orlandi (2005), não podem ser consideradas “blocos homogêneos, elas são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se a cada situação” (ORLANDI, 2005, p. 44). Enfim, sendo a AD uma “ciência não subjetiva da subjetividade” (PÊCHEUX, 1995, p. 178) é, pois, através da materialidade discursiva que a materialidade ideológica se manifesta e pode ser analisada. A noção de Formação Discursiva é fundamental para a constituição de sentido do discurso, já que “aquilo que o indivíduo diz se inscreve em uma formação discursiva e não em outra para ter um sentido e não outro” (ORLANDI, 2005, p. 43), ainda que essas escolhas não sejam conscientes, tampouco seus discursos, inéditos.

Outra consideração de extrema relevância em AD é o fato de que todos os sujeitos são afetados por dois esquecimentos que lhes são constitutivos, conforme denomina Pêcheux (1995, p. 174):

Esquecimento nº 2: Todo sujeito-falante “seleciona” no interior da FD que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase - um enunciado forma a sequência e não um outro, que também está no campo do que poderia ser formulado. Esquecimento nº 1: O sujeito não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. “Eu sei o que estou dizendo”.

Então, respectivamente, um que acredita ser a origem do seu dizer e outro em que acredita que suas sentenças só podem ser articuladas daquela forma e não de outra. De acordo com esses conceitos, é possível afirmar que a sintaxe não é neutra, conseqüentemente, a organização dos discursos não o é, conforme (SHONS et al., 2003). Com base nisso, compreendemos que a escolha, ainda que inconsciente, da inserção do termo *fake news* mobilizado em um discurso, entendido como sendo “verdadeiro”, produz significado e aciona nos sujeitos que o escutam suas representações imaginárias.

As palavras acionam sentidos com bordas, que não são fixas, mas que dão limites para a interpretação. Esse sentido precisa estar presente no interdiscurso, no já dito e esquecido, segundo Orlandi (1996), para que produza novos efeitos de sentido. Sem autoria, o que já foi significado por várias vozes assume novas formas, que serão também apagadas, para manter sempre o “regime de anonimato e universalidade” (ORLANDI, 1996, p. 72). Orlandi (1996, p. 87) ainda diz que o efeito da interpretação é feito pela “sobrecarga”, ele é “carregado de uma relação de língua sobre a língua - interpretar é dizer o já dito - que, no entanto, aparece como grau zero (o sentido lá)”. Na AD, como já referido, a língua é considerada opaca, heterogênea e passível de falhas (SHONS et al., 2003), portanto, constitui-se num lugar de incorporação da ideologia e do materialismo histórico, produzindo marcas passíveis de serem analisadas. Isso é o que se busca demonstrar, através do funcionamento dos efeitos de sentido do termo *fake news* mobilizado no discurso político em foco.

5 Análise do discurso: teoria e método

Nesta pesquisa, o funcionamento discursivo do termo *fake news* nos discursos dos candidatos ao governo do Estado, na eleição de 2018, será acionado, primeiramente, considerando o conceito de esquecimento número dois nas sequências discursivas selecionadas. Desta forma, será possível estabelecer uma relação com os elementos linguísticos presentes no enunciado e, também, com os que não foram utilizados, pois “o que é silenciado constitui igualmente o sentido do que é dito” (ORLANDI, 2005, p. 84). A forma como esses elementos são articulados nos discursos, também, produz sentidos, visto que a sintaxe não é neutra, e que todos os discursos são construídos “na tensão entre mesmo e o diferente” (ORLANDI, 2005 p. 36).

Por conseguinte, os processos parafrásticos e polissêmicos se tornam essenciais para analisar os possíveis deslocamentos de sentidos presentes no discurso. Portanto, as sequências discursivas serão observadas, a fim de verificar o funcionamento desses processos e se houve (ou não) deslocamentos. Cada um dos candidatos, ainda que estejam disputando o mesmo cargo e ambos falem a partir desta condição de produção, acionam modos de se relacionar com determinadas formações discursivas, significando seus discursos através delas.

Isto não quer dizer que, dentro de seus discursos individuais, haja homogeneidade; por vezes, conforme mencionado, as formações discursivas são atravessadas por outros saberes presentes no interdiscurso em forma de pré-construído e, quando manifestadas através do interdiscurso, produzem sentidos que ressoam “incoerentes” com os assumidos pelos sujeitos. O termo *fake news*, portanto, pode não ter sempre o mesmo sentido dentro de seus discursos, ponto que também será analisado: a presença de paridade, ou não, em seus discursos. Como mencionado aqui, o fato de não haver similaridades no uso do termo produz, também, um efeito de sentido – efeito este que estará relacionado a posições ideológicas.

Outros aspectos que devem ser observados nos discursos são aqueles que fogem da “normalidade” do que é esperado, os elementos que, de alguma forma, não parecem estar logicamente inseridos nas sequências discursivas analisadas, tanto para mais quanto para menos. Dessa forma, segundo Ernst-Pereira (2011), eles podem compor uma forma de identificação preliminar dos elementos que podem vir a constituir o *corpus* de análise (ERNST-PEREIRA, 2011, p. 827). De acordo Ernst (2011), os discursos devem ser analisados com base em três aspectos: falta, excesso e estranhamento. A *falta*, segundo a autora, é tudo aquilo que não aparece no enunciado, mas fica implícito; é o não-dito mencionado anteriormente (ERNST-PEREIRA, 2011).

O *excesso*, em contraponto, é o que se repete, são formas textuais que aparecem demasiadamente nos enunciados, que ganham destaque justamente por sua frequência. O excesso pode aparecer, segundo a autora, na forma de testemunho, confissão, redizer, reclamar. Este artifício, então, expõe elementos a mais, a fim de ocultar outros, que por não estarem presentes, conforme já apontado, também produzem sentido. Por último, o *estranhamento*, o qual utiliza enunciados, expressões, palavras, orações que não fazem parte daquilo que está sendo dito. O estranhamento é uma forma de pré-construído. De acordo com a autora, ele “possui como características a imprevisibilidade, a inadequação e o distanciamento daquilo que é esperado” (ERNST-PEREIRA, 2011, p. 830).

Com base nos conhecimentos teóricos e metodológicos explicitados acima, são trazidos

recortes de textos divulgados durante a campanha para o governo do Rio Grande do Sul, do ano de 2018, cujo embate foi entre os candidatos Eduardo Leite e Ivo Sartori. As sequências discursivas analisadas foram publicadas durante o período legal de campanha, entre os dias cinco de julho e 28 de outubro⁴. Dentro desses discursos, houve um recorte, o qual deu prioridade para aqueles que mobilizam o funcionamento das dicotomias verdade e mentira, certo e errado, fato ou *fake*. Essas Sequências Discursivas (SD) foram selecionadas a partir de entrevistas dadas pelos candidatos a veículos jornalísticos, proferidos e transcritos de debates ou publicadas pelos próprios em suas respectivas redes sociais.

No recorte das SD a serem analisadas, optou-se por separar os discursos de cada um dos candidatos, em cujas sequências foram mobilizados conceitos que vão muito além do uso do termo *fake news*, enfim, outros elementos igualmente importantes surgiram e foram essenciais para os desdobramentos discursivos. Velho e novo, maturidade e imaturidade, esperança e “velhos hábitos”, verdade e mentira, *parole* ou não, muitos são os saberes evocados que serão analisados dentro dessas sequências discursivas. O embate, apesar de tolhido pelo uso das redes sociais e de novas “estratégias de campanha”, ainda diz muito sobre a política que vem sendo desenvolvida na sociedade ao longo dos séculos.

6 A “verdade” contra a “mentira”: análise das sequências discursivas de Eduardo Leite (SDL)

Durante uma campanha eleitoral, sabe-se que o objetivo central é convencer o maior número possível de eleitores sobre quem está capacitado para ocupar o cargo de governante do Estado. Eduardo Leite concorria ao pleito com o candidato Sartori, que era o atual governador do Estado na época. Durante sua campanha, Leite fez uso de diversas expressões que visavam atrair votos, com o intuito de levar os eleitores a perceberem um contraste entre o momento atual vivido no Rio Grande do Sul, com o governo Sartori e o possível novo futuro, com ele, Eduardo Leite, governador.

Figura 1 - Sequências discursivas (SDL) referentes aos discursos de Eduardo Leite



⁴ Apesar de o período de escolha das convenções partidárias aos seus candidatos e coligações ser entre os dias 20/07/2018 até 5/08/2018, os políticos podem, desde o dia citado (5/07/2018), realizar autopromoção, segundo o calendário eleitoral divulgado pelo Supremo Tribunal Eleitoral em 25/01/2018. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2017/Dezembro/confira-as-principais-datas-do-calendario-eleitoral-das-eleicoes-gerais-de-2018>. Último acesso em 4 de novembro de 2019.



Fonte: <https://bitly.com/GRa3n>; <https://bitly.com/yMVRk> e <https://bitly.com/VHB5T>.

Como pode-se observar na *SDL1*:

“Infelizmente, no primeiro turno, o candidato Sartori em alguns momentos descambou para a política das fake news. Distorcendo fatos, informações. Nós repusemos a verdade e a população manifestou essa compreensão nos dando a liderança”.

Primeiramente, os olhares recaem a esse discurso partindo do sentido de falta, proposto por Ernst-Pereira (2011, p. 829), que diz a falta se configura “na omissão de palavras, expressões e/ou orações, consentida (ou não) pela gramática, que provocam determinados efeitos de sentido, diferentes daqueles que ocorreriam, caso esses elementos se fizessem presentes na linearidade significativa”. Dentro desse fragmento, compreendemos que houve generalização no que foi dito pelo candidato, uma vez que não há a retomada desses fatos e informações “distorcidas”, somente sua citação na forma de hiperônimos, ou seja, o leitor/eleitor poderá complementar as informações distorcidas que não foram mencionadas nesse discurso, mas silenciadas. O conceito de falta, conforme aponta Ernst-Pereira (2011, p. 829), “se constitui num lugar em que são criadas zonas de obscuridade e incompletude na cadeia significativa com fins ideológicos determinados”, então, podemos entender que a não especificação do que foi retomado pelo candidato se mostra como uma estratégia de articulação sobre o preenchimento a respeito do que será recuperado.

Percebe-se, também, que o discurso está dividido em dois momentos: o primeiro, no qual a frase é elaborada sobre o sujeito “Sartori”, um “ele”; e, em um segundo momento, em que há um novo sujeito, “o nós”, Eduardo Leite e sua equipe. Mesmo que no discurso do candidato haja uma elipse no lugar do “mas”, para ligação dessas duas ideias, é possível recuperar sua utilização nesse discurso, uma vez que são mostradas duas ideias contrárias sobre os sujeitos da frase. O uso da adversativa na Língua Portuguesa se relaciona à ideia de oposição, portanto, “Sartori descamba para política das *fake news*, distorce fatos e informações”, “mas Leite repõe a verdade”. Enquanto há a associação de um deles com mentiras e desinformações, o outro se autodenomina verdadeiro e correto, por manter a verdade e, como consequência,

obter apoio popular, “porque a população manifestou a compreensão disso lhes dando a liderança”.

O discurso de Leite está em acordo com a posição-sujeito mobilizada em seu discurso. Sobre tal processo discursivo, Orlandi (2005, p. 49) afirma que “o sujeito discursivo é pensado como uma “posição” entre outras. Não é uma forma de subjetividade, mas um “lugar” que ocupa para ser sujeito do que diz” e, ainda que ocupe esse lugar, não tem acesso à forma que o faz, não se trata de algo consciente - assim como o que é defendido em AD, todos os processos são inconscientes. Ao estabelecer uma relação com o sujeito discursivo e a forma-sujeito político-candidato, assume uma posição. De acordo com Orlandi (2005, p. 49), ele fala “deriva seu sentido, em relação à formação discursiva em que está inscrevendo suas palavras, de modo equivalente a outras falas que também o fazem dessa mesma posição”, são essas posições-sujeito que, segundo a autora, dão identidade e causam identificação com determinados saberes. Portanto, Eduardo Leite mobiliza uma forma-sujeito pela qual se identifica com a formação discursiva que o constitui, acionando saberes que visam a garantir que ele tem o “controle sobre a verdade”, que ela estará sempre em seu devido lugar, porque seu discurso será transparente, verdadeiro e honesto e, enquanto político, ele não será uma ameaça, mas alguém que guiará a população para a prosperidade.

SDL2: “Nos últimos tempos, enfrentamos mentiras, enfrentamos fake news, boatos, que de fato estreitaram a diferença que se via nas pesquisas. Mas o povo gaúcho demonstrou em sua maioria que não quer mentiras, que quer verdade, que quer a esperança no lugar do medo”.

Na SDL2, além das semelhanças na organização do termo *fake news*, Leite faz uso de outro termo que deve ser destacado, que é o caso de “esperança”. Nessa sequência, a articulação da palavra esperança é feita em contraposição à palavra “medo”. O uso do termo medo, dentro dessa articulação, pode ser encarado como estranhamento (ERNST-PEREIRA, 2011), uma vez que ele produz efeito de sentido específico neste discurso em relação aos demais. Em Orlandi (2005), pode-se encontrar um movimento analítico que a autora faz da palavra “medo” no discurso de um dos candidatos à reitoria na Unicamp. De acordo com ela, o uso de “vote sem medo!” pode proporcionar um dos possíveis efeitos de sentido: “1. Lançam a suspeita sobre algum dos candidatos (que estaria ameaçando os que não votassem nele) [...]; 2. Falam em medo sugerindo algum perigo, alguma ameaça” (ORLANDI, 2005, p. 29), ao mesmo tempo, segundo a autora, que o uso dessas palavras, pela “oposição”, sugere que eles estão indo contra o candidato que ameaçaria os eleitores.

Pensando nesse exemplo e no uso de “medo” aliado à “esperança”, no discurso de Leite, percebe-se que essas palavras mobilizam sentidos que “acionam” memórias nos demais sujeitos e essa “memória também faz parte da produção de sentido” (ORLANDI, 2005, p. 30). Várias memórias podem ser recuperadas com a articulação desses dois termos. Cabe ressaltar que, discursivamente, a noção de memória, aqui, é tomada como parte de um processo histórico, resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos. Nessa análise, por exemplo, o medo, dentro do âmbito da política, pode ser relacionado a diversos acontecimentos anteriores, como o período vivido na ditadura militar, por exemplo; bem como a palavra esperança, como seu contraponto, carrega diversos significados: esperança de dias melhores, esperança de mais prosperidade, esperança de um governo mais justo, de uma sociedade mais igual, enfim.

Podemos entender que o discurso de Leite carrega esses saberes antigos sobre o que é ser um bom político e, ainda que se mostre identificado, aparentemente, com uma Formação

Discursiva direcionada ao que se alude como uma Nova Política, isso não se sustenta quando percebemos que, em seu discurso, reproduzem-se concepções antigas sobre governar. Em uma disputa política, como já mencionado, os discursos têm como objetivo o convencimento do eleitorado para que seja possível atingir o mais alto fim, a vitória na eleição. No caso do discurso de Leite, o convencimento se alicerça na promessa de que a transparência do dito é extensiva ao espelhamento do bom governante que prima por proteger/defender o povo contra possíveis ameaças.

A partir dessa SDL, considerando as condições de produção desse dizer, podemos acionar saberes relacionados ao governo anterior, o de Sartori, com o medo e a mentira, e o possível governo de Leite com o da esperança e verdade. Leite diz que o “povo gaúcho, em sua maioria, não quer mentiras, quer verdade [...]” e o uso do regionalismo também evoca uma memória discursiva. Conforme visto, o Rio Grande do Sul foi marcado por muitos conflitos internos e externos e o povo gaúcho é conhecido por ser engajado politicamente na defesa de seus ideais, além de bastante conservador. Assim, percebemos que embora o candidato Leite alude ao “novo” modo de governar, ele promete assegurar o lugar do político que conservará a imagem do homem de bem, que não surpreenderá o povo, nem promoverá o medo, já que é correto e não mente. Dessa forma, com base em seu discurso, observamos que Leite se encontra identificado com uma formação discursiva que demanda saberes conservadores acerca do que vem a ser um bom político.

SDL3 “Uma foto de família vira uma fake news de baixo nível e preconceituosa. O desespero pela derrota não tem limites. Quem não consegue lidar com as verdades, precisa lançar mão de mentiras sobre os outros!”.

Segundo dados divulgados pela Secretaria de Planejamento Governança e Gestão do Estado (2021), o Rio Grande do Sul tem o maior percentual de idosos do Brasil, o qual representa 18,8% da população total do Estado. Segundo o Atlas Socioeconômico, o número de idosos superou o de nascimento de crianças em 2019. Dessa forma, dentre um eleitorado sabidamente mais conservador, temas como esse podem ser responsáveis pela perda de credibilidade por parte dos possíveis eleitores. Na *SDL3*, há a mobilização de dois aspectos bastante contraditórios: “Uma foto de família vira alvo de uma fake news de baixo nível e preconceituosa”. Dentro do contexto visto acima, em um Estado conhecidamente conservador, o uso da palavra família é bastante controverso nesse discurso. Como vimos em Althusser, a família é compreendida como um dos Aparelhos Ideológicos do Estado, assim como a igreja e a escola, que atuam reproduzindo determinados saberes, a fim de manter relações de poder, dentro do sistema capitalista. A ideia da família como eixo imaculado, detentora de valores, que devem ser preservados e reproduzidos, pode ser vista no discurso conservador de Leite.

A *fake news* que suscitou tal discurso foi veiculada nas redes sociais no período de campanha eleitoral e tinha os seguintes dizeres “É isso que queremos para o Rio Grande do Sul? O primeiro Governador homossexual do Brasil?”, os dizeres eram sobrepostos a uma imagem de Eduardo Leite junto a outro homem. A foto original, que foi cortada para elaboração do conteúdo, era uma imagem de Leite com sua família: seus dois irmãos e mãe na praia. Essa *SDL3*, entretanto, carrega uma contradição da ordem do discurso quando o candidato diz que a “fake news era preconceituosa”, mas também diz que era uma fake news de “baixo nível”, gerando um estranhamento (ERNST-PEREIRA, 2011) em relação aos saberes que estão sendo evocados, uma vez que este termo dicionarizado equivale a um sentido relacionado a algo “que possui o nível abaixo do normal, abaixo do esperado”, que, nessa condição de produção da

campanha eleitoral, portanto, pode tanto aludir à estratégia da fake news usada pelo candidato oponente quanto pode referir-se à homossexualidade.

Ainda que tenha sido acionado um discurso endereçado a uma campanha que promete uma Nova Política, afirmando que a imagem utilizada na *fake news* é “preconceituosa”, Leite acaba por mobilizar uma posição-sujeito que demonstra um discurso acionador de uma Formação Discursiva Conservadora, através da designação dada por ele ao termo *fake news*, ou seja, de “baixo nível”. Nesse sentido, foi necessário repor a verdade, a qual se constitui numa reposta em defesa de uma família cis-heteronormativa, uma família “tradicional”, a fim de garantir nesta imagem, recomposta, que cada membro de sua família esteja no seu “devido lugar”. Desse modo, ele busca defender, discursivamente, o núcleo, base de toda sociedade.

Conforme vimos em Orlandi (1996), as palavras não têm sentidos presos a elas e estamos sempre “passíveis ao equívoco”. Portanto, ainda que tenhamos visto que o discurso de Leite traz a tentativa de ser coerente, há um sentido que escapa e que foge do esperado. Ainda que ele busque atingir a oposição pela elaboração de uma *fake news* de “baixo nível”, deixa transparecer em seu discurso um preconceito que busca “mascarar”. Aqui, cabe ressaltar que as formações discursivas não são “blocos homogêneos, elas são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se a cada situação” (ORLANDI, 2005, p. 44), dessa forma, mesmo mantendo um padrão, há falhas e equívocos constitutivos da linguagem, que podem ser observados na SDL3 quando o candidato utiliza o termo “família” como espaço imaculado, que não tem possibilidade de receber ofensas.

Eduardo Leite é um candidato pelo PSDB, como já referido, vinculado a um partido jovem, fundado por dissidentes do PMDB, agora MDB, por divergências internas. Além de o partido ser considerado um dos mais jovens, autodeterminando-se o “caçula”, o candidato Leite é um homem jovem, principalmente em relação aos demais políticos já eleitos no Rio Grande do Sul. Associa-se a isso uma expectativa de que ele seja responsável por trazer novas formas de governo, mais modernas e inovadoras. Entretanto, quando observamos seu discurso, percebemos que ideias a respeito de política disseminadas há muitos anos se mantêm presentes nos dizeres, não configurando novidade no que é apresentado aos eleitores. Ao contrário, os saberes que ressoam nos discursos do candidato Leite são conservadores e alinhados a uma Formação Discursiva Conservadora, retomando o que se define por tradicional.

7 A “experiência” versus “imaturidade”: análise das sequências discursivas de Ivo Sartori (SDS)

O Rio Grande do Sul é conhecidamente um Estado que não reelege seus governadores. Esse contexto, portanto, era pouco favorável para o candidato Ivo Sartori no pleito para o governo de 2018, uma vez que ele era a situação antes da eleição. Os gaúchos, como já vimos, são também, conhecidamente, um povo marcado pela constância de combates, desde a origem do Estado, o que fez com que a politização entre este povo sempre fosse muito intensa, bem como a polarização entre partidos. Isso não significa, necessariamente, que dois candidatos de partidos opostos assumam posições-sujeito também opostas.

O discurso de Sartori, que passará a ser analisado aqui, de acordo com o referencial teórico da AD, tem grande enfoque em sua carreira, enquanto político com experiência, com uma trajetória antiga, o que lhe daria uma suposta vantagem em relação ao candidato Eduardo Leite. Esse discurso vai ao encontro da formação imaginária, que leva a acreditar que idade é

igual a conhecimento, um discurso que pode ser visto, inclusive, em Aristóteles. Seu discurso, entretanto, também mobiliza saberes que apareceram no discurso do candidato Leite, como os referentes ao imaginário de família enquanto núcleo familiar tradicional, como um grupo de pessoas, uma instituição, um aparelho ideológico de Estado, que deve ser respeitado pela oposição.

Figura 2 - Sequências discursivas (SDS) referentes aos discursos de Ivo Sartori



Fonte: <https://bityli.com/CmYBW>; <https://bityli.com/wH87N> e <https://bityli.com/yXfzi>.

Na SDS1 Sartori diz:

SDS1: “Passei quatro anos enfrentando fake news, inclusive contra a minha família, mas tive maturidade suficiente. Não entendo a permanente agressividade e o vitimismo do Eduardo Leite. Me culpa de todas as fake news que surgem na internet. Eu não crio isso, muito menos minha equipe”.

Como já visto anteriormente, “é a *ideologia* que, através do hábito e do uso, está designando ao mesmo tempo o que é e o que deve ser” (PÊCHEUX, 1995, p. 46). Dessa forma, criamos representações imaginárias, que podem antecipar como funcionam determinados lugares ou como devem se comportar determinados sujeitos ou grupos. Assim, todos os sujeitos sabem que a família deve ser preservada, pois é uma instituição íntima e privada. Ao dizer “mas tive maturidade suficiente”, o candidato Sartori ressalta um aspecto negativo do candidato Eduardo Leite, ou seja, a falta de maturidade.

Na SDS1, ao utilizar o advérbio “inclusive”, que significa sem que haja exclusão/até mesmo, ele acusa a oposição de não poupar nem sua família, enquanto instituição imaculada, mas diz que teve “maturidade suficiente”. Na Análise do Discurso, os sentidos são ressignificados e ressoam no inconsciente dos sujeitos e, quando identificados com

determinadas posições-sujeito, as pessoas reproduzem comportamentos e discursos do que se é esperado para aquela posição. Identificado com uma forma-sujeito, em uma dada formação social, candidato-governador, resultante da sua identificação com uma FD, Sartori traz o discurso da família, da mesma forma que Leite, mas mantém particularidades peculiares à posição.

Esses saberes ressoam em seu discurso de forma conjunta, uma vez que se encontram em três linhas diferentes, porém interligadas: ele tem capacidade para gerir sua família e resolver seus problemas, uma vez que foi atacado durante quatro anos e “teve maturidade suficiente”, demonstrando, também, que tem domínio sobre si próprio, portanto, seu temperamento está de acordo com o que é esperado de um político, uma vez que não entende a “permanente agressividade e vitimismo” de Leite. Ao fazer menção aos “quatro anos” que esteve enfrentando *fake news*, Sartori alude ao período que esteve à frente do governo do Estado, tentando expor sua capacidade enquanto gestor, que é equilibrado e maduro, portanto, mais adequado ao cargo de comando.

Podemos observar, nesse mesmo discurso, uma elipse, uma falta (ERNST-PEREIRA, 2011), quando o candidato diz que passou “quatro anos enfrentando *fake news*, inclusive contra a minha família, mas tive maturidade suficiente”, sem especificar para o que teve maturidade suficiente. Apesar de se estabelecer relação com o fato de saber lidar com a situação, essa não especificação, “a omissão de palavras, expressões e/ou orações, [...] provoca determinados efeitos de sentido, diferentes daqueles que ocorreriam, caso esses elementos se fizessem presentes na linearidade significativa” (ERNST-PEREIRA, 2011, 829). Essa lacuna deixada por Sartori possibilita que os sentidos deslizem para muitos outros campos além “lidar com as *fake news*”, Sartori “teve maturidade suficiente” no geral, não somente na situação específica. Sartori, enquanto político, neste discurso, sinaliza que tem maturidade suficiente para permanecer governando.

Da mesma forma que a falta (ERNST-PEREIRA, 2011) implica em uma fuga de sentidos e uma ocultação do que é dito, gerando uma não-estabilização dos sentidos, que já não são estáveis, a estratégia de excesso de Ernst-Pereira (2011) opera de forma contrária: através da repetição, é visado no discurso que haja a estabilização de determinados saberes em detrimento de outros, como percebemos nas Sequências Discursivas abaixo:

SDS2: “É preciso maturidade para, justamente, lidar com as críticas e com as pessoas. Acredito que também ninguém precisa se vitimizar”.

Conforme visto anteriormente, todos os discursos são respostas a outros discursos, podendo ser uma resposta direta ou indireta (PÊCHEUX, 1997, p. 77). De acordo com Pêcheux (1997, p. 77), “o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado”. Sendo assim, acusa o candidato Leite de “imaturado” e “que se vitimiza” frente às situações, ao invés de enfrentá-las, como ele faz. Pensando primeiramente sobre “vitimização”, as falas de Sartori vão ao encontro de um discurso conservador e muito disseminado nos dias de hoje que é o discurso contra o “mimimi” – essa expressão informal, facilmente encontrada na internet, em debates sobre temas polêmicos relacionados às minorias, descreve de forma pejorativa quem “reclama” de determinadas situações.

Essa expressão, ainda que não seja mencionada pelo candidato, atua como uma possível paráfrase para o “vitimismo” de Leite, descrito pelo candidato. O discurso conservador de

Sartori, uma vez que é alinhado a saberes conhecidamente conservadores, quando acusa Leite de “se vitimizar sobre as *fake news*”, evoca esses acontecimentos presentes em processos discursivos anteriores, antecipando relações de força e de sentido, usando estratégias discursivas referentes ao fato de que há uma imaturidade em quem reclama, em quem expõe problemas, em quem não lida com a situação de forma silenciosa. Assim, o discurso de Sartori aponta o fato de o candidato oponente ser jovem, o que implica, pensando nas formações imaginárias, em pouca experiência.

SDS3: “Meu oponente me acusa irresponsavelmente de divulgar fake news, minha história, minha vida pública, não permitem que ele faça tal acusação”.

Considerando que há discursos que produzem efeitos de sentidos relacionados ao fato de que pessoas mais jovens são apontadas como imaturas e pouco preparadas para, por exemplo, assumirem o governo de um Estado, uma vez que é necessário “maturidade” para ocupar determinados cargos, Sartori alude a isso de diversas formas em seu dizer, operando o que Ernst-Pereira (2011) nomeia como um excesso no texto, de forma que os termos vitimização e maturidade ressoam, discursivamente, sinalizando o excesso, já que aparece “na reiteração incessante de determinados saberes interdiscursivos que tomam formas diferentes no intradiscorso, mas mantêm os mesmos pressupostos ideológicos com vistas ao estabelecimento de sentidos” (ERNST-PEREIRA, 2011, p. 830). Percebe-se, então, que ainda que haja uma mudança na forma de o candidato Sartori elaborar o seu discurso, os efeitos de sentido que buscam ser estabelecidos se entrelaçam e se determinam ideologicamente e isso é possível, porque, conforme é visto em Pêcheux,

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÊCHEUX, 1995, p. 146).

Com base no que precede, pode-se observar que Sartori se identifica com uma Formação Discursiva Conservadora, ou seja, a que abriga saberes sobre o político tradicional, pois o candidato se apresenta como um político que tem larga experiência na área, estabelecendo, com isso, um jogo de antecipação de imagens dos sujeitos entre si, dos sujeitos com os lugares que ocupam numa formação social e dos discursos já-ditos com os possíveis e imaginados, conforme Pêcheux (1995) nos ensina. A presença do excesso, nos discursos de Sartori, visa “buscar estabelecer provavelmente a relevância de saberes dessa formação discursiva através da repetição” (ERNST-PEREIRA, 2011, p. 830), então, através de demonstrativos sobre sua experiência na “vida pública”, “sua história”, “sua maturidade suficiente” são elementos que se repetem reproduzindo esse discurso da necessidade de experiência e de tempo para se tornar um bom político, justamente o que seu adversário não tem, pois é jovem.

Nos discursos de Sartori, há uma mobilização de discursos que enfatizam seu tempo na política, sua maturidade, ou seja, ele alude a si, à sua história na vida como representante público. Também a sua identificação, com essa formação discursiva, está relacionada com o seu partido, o MDB, conhecido como um dos partidos mais antigos da história do Brasil, conforme mencionado anteriormente. O próprio partido reconhece seu passado, ao dizer que “em 2017, o PMDB voltou a ser MDB e foi buscar inspiração em suas vitórias do passado para orientar os próximos passos. [...] e se colocou novamente, sem vacilar, à frente das dificuldades para

pavimentar um futuro melhor” (MDB, 2021). Ao ser um representante deste partido e filiado desde o início da sua carreira, em 1974, Sartori, então, mobiliza uma identificação plena com esses saberes, que configuram sua imagem enquanto político e candidato com trajetória na vida política.

8 Considerações finais

Através dos gestos analíticos apresentados, foi possível observar que Eduardo Leite, identificado com uma forma-sujeito tradicional/Conservadora, apresenta um discurso no qual ressoam os saberes do que é desejado em um político. A questão de “repor verdades” e combater “*fake news*” mobiliza, discursivamente, uma tentativa de convencimento de público de ser a melhor opção, pois se encontra alinhado com o que é esperado dos bons políticos. Sartori, também, a seu modo, destaca sua “trajetória”, sua “experiência” e seu “conhecimento dos números” para demonstrar sua capacidade, sua honra, uma vez que se encontra identificado com uma forma-sujeito, que retomam saberes abrigados no interdiscurso, (pre)tensamente tidos como verdadeiros. Em seus discursos, a posição-sujeito ocupada pelos candidatos é resultante dessa relação estabelecida com a forma-sujeito da Formação Discursiva Conservadora com a qual ambos os candidatos se identificam.

Leite e Sartori encontram-se, portanto, dentro do mesmo viés ideológico, ainda que tentem, discursivamente, mostrar-se diferentes. O funcionamento discursivo do termo *fake news* aparece nessas condições de produção política como um subterfúgio, uma atualização da dicotomia verdade/mentira, mas com o mesmo propósito que se perpetua através do tempo, no qual o objetivo principal é desestabilizar o candidato da oposição, com a acusação de ser mentiroso. Mesmo com o passar do tempo, a perspectiva a respeito de saberes tradicionais sobre políticos permanece enraizada e ressoa nos discursos dos candidatos.

Enfim, com base na Análise de Discurso de linha francesa, teoria que fundamentou a reflexão sobre o tema deste artigo, pode-se enfatizar que somos levados a repetir determinados saberes em nossos discursos, pois não há origem, fonte do dizer. Desse modo, buscamos significar as situações e os discursos aos quais somos expostos e, mesmo sem nunca termos refletido sobre os conceitos de ética ou política, de verdades ou de mentiras, acionamos determinadas formações imaginárias sobre tais noções que podem transparecer em nossos dizeres. Portanto, sob o modo de retomadas, acionamos o imaginário que temos sobre o que deve ser um político, sobretudo como o termo *fake news* funciona e aciona, na cena política, bordas e brechas discursivas, produzindo seus efeitos de sentidos, enfim, seus efeitos de verdade.

Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* (Notas para uma pesquisa). In: ALTHUSSER, L. Sobre a reprodução. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

- ERNST-PEREIRA, A. G. O Analista de Discurso em Formação: apontamentos à prática analítica. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, pp. 817-833, set./dez. 2011.
- FERREIRA, M.C.L. Linguagem, Ideologia e Psicanálise. *Estudos da Linguagem*, Vitória da Conquista, n.1, pp. 69-75, Junho, 2005.
- FERREIRA, M. C. L. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. *Organon*, n. 48, p. 17-34, Porto Alegre: UFRGS, 2010.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- MACHADO, R. D. S. Entrecruzando discursos sobre a prática docente: a língua analisada em sua heterogeneidade constitutiva. In: *Estudos da linguagem: diferentes olhares*. 1 ed. São Paulo: Pontes Editora, 2016, v.1, pp. 115-128.
- MDB. *História*. 2021. Disponível em: <https://www.mdb.org.br/conheca/historia/>. Acesso em: 23 jul. 2021.
- MEDEIROS, A. *O funcionamento discursivo do termo fake news na campanha política dos candidatos Ivo Sartori e Eduardo Leite ao governo do Estado do Rio Grande Do Sul*. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2021.
- MENDES, G.; GRACA, L. F. G. A diferenciação ideológica na política externa partidária eleitoral: PSDB, PT e MDB (1994-2018). *Rev. Bras. Ciênc. Polít.* Brasília, n. 31, pp. 83-122, jan. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/6MDnqTxYjVZS6jqrzCj843N/?lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- ORLANDI, E. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1996.
- ORLANDI E. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.
- ORLANDI, E. *As Formas do Silêncio: No movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2011.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso (1969)*. Trad. Eni Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3 edição. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1997.
- SHONS C., RASIA G., MOREIRA R., MACHADO R. Uma interface produtiva entre sintaxe e discurso. *Cadernos do I. L.*, Porto Alegre, no. 26-27, pp.19-25, 2003.
- VERGNIÈRES, S. *Ética e Política em Aristóteles: physis, ethos, nomos*. Trad. Constança Marcondes César. São Paulo: Paulus, 1998.

Recebido em: 30/07/2021

Aceito em: 24/10/2021